

MEUS AUTORES

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Texto estabelecido
por Luiza Lobo

VOLUME 3

PROSA

OS MANUSCRITOS DE Z.

Rio de Janeiro

Litcultnet

2013

MEUS AUTORES

Luciano Zajdsznajder

OS OUTROS SERES DESTE MUNDO A PARTE

(2ª versão)¹

Corre nestas veias um sangue que alterna a sua origem, que vê no passado diferentes ancestrais. Rei Davi, sabendo que você está no seu túmulo, que também estende a mão ao Salvador e procura nos legar o que foi a primeira luta que cobriu de glória a minha família. Rei Salomão, acorda a minha sabedoria, resalta no meu rosto o sinal de que poderei herdar algum reino para não ser apenas um cidadão comum perdido na terra.

Pode parecer que a ascendência de reis tivesse concentrado em meu rosto as formas da soberania. Foi o contrário que aconteceu. Desde pequeno fui súdito. Primeiro dos desejos intensos e violentos da minha mãe, que me desejou menina e que ganiu de ódio ao me ver. Depois, ao longo da vida, pelos caminhos mais ou menos ásperos, por onde prossegui, jamais atingi qualquer trono, jamais sentei-me com majestade. Há em meu interior um sentido de nulidade difícil de ser encontrado, difícil de ser assimilado por quem quer que me conheça. Poucos na humanidade, de que se tem notícia, possuem dentro de si um nada tão avantajado, que me faz desaparecer onde todos se sentiriam plenos e realizados. É possível que o rei Davi e o rei Salomão tenham tido dentro de si alguma parcela deste nada, principalmente quando se curvaram diante do Criador.

¹ A segunda parte deste texto se intitula *Distúrbios*, outro título do autor. Nota da Editora.

Já busquei nos salmos de Davi algum consolo, e foi espantoso descobrir que nunca me aclamaram. Parece que seu poder demanda, para ser usado, um mínimo de crença no Criador. Mas é exatamente essa crença que esteve sempre ausente.

Já recebi convites para expor de modo solene tudo por que passei ao tentar entender o que tinha acontecido em minha vida. Seria o caso de considerar isto uma honra que alimentaria o meu orgulho e minha altivez? Ou apenas uma pequena homenagem a quem teve na vida apenas sofrimentos médios? Há tantos que sofreram dores ainda maiores e cujas existências foram mais ou menos uma tortura. O que torna a minha vida singular?

Talvez a minha capacidade de berrar e de pôr em frases mais ou menos bem feitas o que para os outros vive no silêncio ou em algumas reclamações que são repetidas sem brilho. Mas esta resposta também me martiriza. Por que esta escolha sem razão, por que esta espécie de graça no meio de tantas desditas?

Começou nos primeiros momentos, quando ainda soavam os meus primeiros choros e que me soube inteiramente só, tendo por mim mesmo como único autor. Nos meus recantos, onde urinava e defecava com grandeza, construí o meu palácio de glória e assentei no meu primeiro trono. Distantes de mim encontravam-se aqueles que me tinham em casa, amedrontados pela grandeza do ser que haviam gerado e temendo aproximar-se do meu berço, porque sentiam aí a força numinosa de um deus que nascia para o mundo. Mas acabei pagando caro por este afastamento. Em vez de virem me adorar e adornar-me como se faz com os deuses, apenas afastaram-se e lançaram-me na solidão profunda e perfeita. E eu, ainda mal consciente de minhas origens, vivi os horrores da solidão e da tristeza, que, hoje sei muito bem, foi resultado da vingança de um deus maior, que me lançou para nascer em um lar tão pequeno e descurado.

Não tenho dúvida de que alguma parte da sabedoria de Salomão transmite-se no meu sangue e em alguns momentos sinto que posso entender algo da condição humana e do que acontece em sociedade. Mas sempre me escapa um entendimento maior acerca de meu fado, dos acontecimentos terríveis que sempre me perseguiram e, a este respeito a minha sabedoria é inútil.

No entanto, ao poucos vim fazendo uma descoberta que a muitos assustará. Descobri que sou o rei do nada, o herdeiro de coisa nenhuma. E que o meu tesouro,

que guardo a sete chaves, encontra-se inteiramente vazio. Esta nulidade eu a carrego por todos os lugares, tenho-a no meu rosto, na minha voz e no meu olhar. Já a confundi com uma experiência mística, mas hoje sei que não há nada igual. Nem os pobres e miseráveis conhecem este nada. Nem os que são doentes terminais. Talvez a morte fosse para mim uma saída, mas como aceitá-la se a vida, a minha vida, foi manejada com a inexistência mais completa. Assim, anseio por existir e é isto que empunho contra o suicídio.

Querem saber a verdadeira história, não querem? Assim, um estado central de solidão, um estado central de miséria absurda, em que como na mão de meus protetores, a quem peço diariamente que me salvem a vida, que me digam se estou ou não pronto para fazer as pazes com os meus autores. Não, de nada adianta um cruzamento do tipo de reis ou mesmo de semideuses. Não adianta um cruzamento greco-judaico, de Cristo e Parmênides. Tudo isso já foi inteiramente desvalorizado, nesta queda de moedas, que em pouco tempo tornaram-se inteiramente falsas.

Ouçam esta primeira vertente de um choro que nunca pôde ser interrompido. Nem sempre sei por que estas lágrimas, por que esta convulsão vive a me sacudir, a quebrar a minha vontade de viver.

Diga-me, amigo que está dentro do meu peito, se há um sentido qualquer em atravessar este campo coberto de pés de couve-flor, no meio do frescor do começo do dia, enquanto lá em casa, em uma cama aquecida, dorme uma mulher que teima em não me abandonar e que vive dizendo que está no mundo para ser a cura de minha dor.

Como foi que a conheci? Certamente na rua, por onde caminho diariamente em busca de uma saúde cardíaca e intestinal. E sempre encontrei minhas esposas na rua, carregando sacolas de supermercado ou esperando táxis especiais, na direção do aeroporto internacional. Isto serve muito bem para lembrar que alternei em minha vida indignas herdeiras de fortunas internacionais com algumas mulheres que mal conseguiam comprar roupas de grifes mais conhecidas e que tinham de enfrentar os ônibus para ir às costureiras de Marechal Hermes ou Quintino. Possuo, portanto, na maior parte do tempo, em minha cama, os sinais da estrutura social brasileira. E possuo

na minha memória as vozes que sabiam mandar ou obedecer. Nada mal como preparação para uma vida que não quer ser domesticada.

O PROJETO

Se há um depósito a ser feito em minhas contas no exterior, devido por serviços prestados, que isto se realize imediatamente, porque meus patrões estrangeiros estão cobrando o que me adiantaram – foram cerca de 250 mil dólares – para que eu pudesse viver por oito meses quando tentava a solidariedade humana em nossa sociedade, no que infelizmente não fui bem sucedido. Mas meus patrões estrangeiros não querem saber, não estão interessados em minhas desculpas, nem em me adiantar algum dólar a mais para que seja feita nova tentativa.

OS MEUS IRMÃOS GLORIOSOS

A solidariedade deveria ter começado em casa, nos abraços que daria aos meus irmãos, quando estivessem voltando da guerra, que se travava diariamente na Baixada Fluminense, entre os que sustentavam a lei e a ordem e um bando de traficantes e vendilhões. Meus irmãos, que escolheram a profissão de policial, e que são admitidamente honestos, procuram encontrar as formas mais avessas ao que reza a nossa vida familiar. Enquanto a lei familiar manda que sejamos como o cordeiro de Deus, que sejamos dóceis, os meus irmãos desenvolveram a capacidade de usar as armas de fogo e não temem matar ou ser mortos. Como foi possível que isto tivesse sido gerado em nossa família é a grande interrogação que vejo meus pais fazerem diariamente.

Minha mãe na cozinha, lavando quiabos e jilós, para a astuta e exótica salada de meu pai, pergunta-se, diante de um recorte de jornal, pregado à parede – onde meus irmãos aparecem carregando uma metralhadora com uma das mãos e com a outra puxando o cadáver de algum marginal. Como podem ser assim? – ela indaga, e sei que no seu peito, além da dúvida, há um choro. Já meu pai finge que está despreocupado, e que é assunto de cada filho a sua profissão, mas eu sei que ele também condena.

E eu? O que penso de meus irmãos policiais, matadores tranquilos e abonados, cobertos de glória? Como é possível que sejamos assim tão diferentes? – eu, voltado

para as orações, para os versos, para o bem-fazer, incapaz de ver sangue e que fico tão impressionado diante de uma pessoa morta.

Quero trazer a paz, a solidariedade e uma espécie de amor, mas sei que não possuo nada disto dentro de mim. Neste ponto, acho que sou a mais urgente e forte das exceções, porque sinto que a mistificação pode curar. Sei que a mentira que eu prego pode consertar o mundo, que o amor entre os membros da mesma espécie é a mentira maior que aprendi com Cristo, com quem me sinto cada dia mais identificado. Nós temos os mesmos ancestrais e possivelmente descendemos do mesmo Pai.

Percebo que a carreira policial dos meus dois irmãos é absolutamente necessária para o meu equilíbrio e, mais ainda, para o equilíbrio do mundo. Sei que ambos não são aqueles policiais honestos e íntegros, nem são um escracho desonesto e corrupto. São meus irmãos feitos de carne e osso. Procuram cumprir suas obrigações, mas não resistem às oportunidades que aparecem. Dessa forma, arriscam a vida, mas moram em casas de bom padrão, têm carros novos – nem sempre do ano – vestem bem suas mulheres, e mandam os filhos para boas escolas. Para eles, é uma profissão como qualquer outra. Como qualquer outra – eu costumo repetir. E me pergunto se este meu projeto de aumentar a solidariedade humana é um projeto como qualquer outro, realizado por profissionais como quaisquer outros.

Preparei-me para uma vida de santidade, de sacrifícios, de grandezas e mesmo imaginei-me objeto futuro de uma hagiografia. Entretanto, o mundo em que buscamos realizar nossos projetos infantis ou adolescentes não é o mesmo em que os sonhos foram gestados. Quando cheguei ao mundo da realização, esperavam-me formulários para obter apoios de fundações, equipes de avaliação de projetos, o uso de *experts* internacionais e a necessidade de assessorias especiais e mesmo o uso de cartas de recomendação. Assim, a solidariedade perdia-se em um emaranhado de papéis, instituições e opiniões abalizadas. E foi por este caminho que se perderam os duzentos mil dólares que obtive a duras custas. Aqui uma pequena amostra dos problemas orçamentários:

Diária dos experts - 30 mil

Assessoria de comunicação – 20 mil

Obtenção de apoio governamental – 45 mil

Vejam só que com isto já se foram quase 95 mil dólares, e o pior é que as fundações estrangeiras não estão aceitando as minhas prestações de contas e dizem que o meu nome entrará na lista negra e que jamais obterei de novo apoios financeiros tão vultosos.

Meus dois irmãos policiais não sabem de nada disso. Pensam que estou sempre às voltas com coisas pequenas, quase insignificantes. Na verdade, quando éramos adolescentes e eu me apresentava como o deus ou o gênio da família, os dois pareciam ter diante de si um futuro insignificante. As coisas mudaram, porém, e fui eu quem se dirigiu para a insignificância, enquanto eles levam boas e honradas vidas.

O Projeto foi, sem dúvida, uma de minhas últimas tentativas de cumprir um destino que estava escrito – tenho certeza – estava escrito nas estrelas e completamente se apagou. Terá o Criador desistido de mim? Terá ele visto a uma certa altura de minha vida que as esperanças que depositaram e mim não tinham razão de ser? Mas pode o Ser Perfeito enganar-se e logo eu – aqui a exceção não deixa de me honrar – ser uma aposta abandonada? Acho, inclusive, que isto dá um interessante problema teológico: pode o Criador desistir de uma criatura em que realmente apostou?

Logo quando o meu projeto aparece como inapelavelmente falhado, meus dois irmãos atingem a primeira página dos jornais ao serem designados para encontrar o monstro de São João de Meriti, o milionário que comprava meninas de tenra idade e com elas instituíra um orfanato, para mais tarde torná-las as ninfas de seu harém.

Essa notícia horrorizou toda a cidade. Havia sido encontrada uma ossada de uma menina dentro de uma Mitsubishi que se arrebentara contra uma árvore na curva do Calombo, às margens da lagoa Rodrigo de Freitas. Investigações que encontraram grandes obstáculos, denúncias telefônicas feitas com uma voz amedrontada levaram a Chico Freitas, o grande dono de São João de Meriti, onde possuía prédios e mais prédios, uma rede de supermercados e talvez – isto até agora nunca se soube direito – ligações com o narcotráfico.

Quando finalmente foram dar com o orfanato onde as meninas eram preparadas para se tornarem jovens esposas, nada mais havia que pudesse servir como prova. Era, na verdade, um autêntico orfanato, da melhor qualidade, com médicos, professoras, dentistas e nutricionistas. Uma instituição modelar. E contra Chico Freitas

havia apenas as denúncias anônimas e uma fotografia meio apagada dele cercado de meninas inocentemente – ou não tão inocentemente – desnudas.

Quando Chico Freitas Mendes sumiu, juntamente com nove das meninas do orfanato, e nada se soube de seu paradeiro, meus dois irmãos foram considerados os que se encontravam melhor preparados para a operação de descoberta do paradeiro dos desaparecidos. Segundo declarações dadas aos jornais – porque não falei com meus irmãos naqueles dias – havia grande probabilidade de que todos se encontrassem escondidos em uma das cem fazendas que Chico Freitas possuía pelo estado – pois muitas não estavam em seu nome e eram assim perfeitos esconderijos.

Pois meus dois irmãos – que sempre andavam juntos e que sempre diziam que iriam também morrer juntos – mostravam uma competência investigativa absolutamente formidável. Andaram eles também desaparecidos por quase duas semanas, e finalmente apareceram com o resultado. Neste tempo, eu era assediado por amigos e pela própria imprensa, como se fosse a fonte melhor de notícias.

Embora de nada soubesse, considerava que seria uma vergonha admitir isso, e fui inventando uma história bastante inócua, para não ser acusado de mentiroso ou de falsificador de notícias, e também interessante, pois era-me muito agradável ser procurado por tantos. Na verdade, senti que havia um ganho a compensar a profunda depressão em que me lançara o fracasso do Projeto.

A história que inventei fazia de Chico Freitas Mendes um feiticeiro que tinha a capacidade de desaparecer, tornar-se invisível quando assim desejasse, e estes poderes prejudicavam, obviamente, o trabalho policial. Os repórteres e o público, nesses tempos de tanto interesse esotérico, acreditaram piamente no que eu contava. Um dos repórteres, um tanto cético, perguntou como é que eu soubera de tudo isto. Não querendo nem podendo dizer que tinha ouvido de meus dois irmãos, disse que não podia citar as fontes. O sucesso da história foi enorme e por três dias apareci nas primeiras páginas, e tenho certeza de que, se o caso tivesse durado mais tempo, eu acabaria nas páginas amarelas da *Veja*. Entretanto, foi suficiente para que eu aparecesse por seis segundos no *Jornal Nacional*.

O sucesso de mídia durou pouco, porque logo meus irmãos descobriram a fazenda em que Chico Freitas estava escondido. E, para a surpresa de todos, quando invadiram

o local, encontraram espalhados pelo terreiro, em torno da sede, uma dezena de corpos: Chico Freitas e as meninas haviam se suicidado, num episódio que ficou conhecido como o “nosso Jim Jones”.

Depois de tudo isso, voltei à obscuridade, e meus irmãos prosseguiram a sua carreira cada vez mais ofuscante.

MINHAS IRMÃS

Minhas duas irmãs vivem ainda com meus pais, embora já tenham mais de trinta anos. Não conseguem casar-se, embora não faltem pretendentes. As duas trabalham e ganham a sua vida, e todo o dinheiro que obtêm o colocam em caderneta de poupança e em outros investimentos, porque o meu pai não permite que gastem. Dá-lhes roupa, a cada uma deu um carro e mesmo gastos miúdos faz questão de lhes pagar. A única exigência é que não durmam fora e que finjam ser virgens, coisa em que ninguém acredita que sejam, papai inclusive.

FOME DE AMOR E DE SEXO

Já acordo envolto por um sentimento de terror, que procurei investigar detidamente, tendo pesquisado em vários livros de psiquiatria, e mesmo, em conversa com psicanalistas amigos meus – na verdade, antigos amigos meus, que deixei de ver faz bastante tempo – e nada pude esclarecer. Acho que este sentimento de terror provém de alguma ligação cósmica que se evidenciou na forma do meu nascimento, conforme já assinalei acima.

Um dos livros investigados por mim – a respeito das raízes da ioga na Índia antiga – fez-me ver que, ao contrário do que muitos pensam, o sentido de união com o divino possui dois aspectos bastante dissimilares. O primeiro é de uma intensidade beatífica sem igual, em que a pessoa se sente identificada com as forças criativas do universo. O segundo é a experiência da nulidade completa e generalizada. Esta é, sem dúvida, a minha forma de experimentar o divino e o sagrado, e isto deve ter ficado muito claro nestas páginas.

Já me perguntaram por que não tive filhos, e se por detrás disto estava algum princípio filosófico, como a inutilidade do prolongamento da existência da raça humana,

por exemplo. De modo algum pretendi alguma vez não ter filhos. O que sempre ocorreu é que jamais pensei a respeito, e a minha imaginação, em geral fértil, nunca se entregou a pensar como seria um filho, o que aconteceria, no que daria etc. De fato, se tenho alguma idéia acerca de ter filhos é que vejo isto como uma espécie de teste e de jogo. De teste, para descobrir se somos capazes de transmitir, das mais variadas maneiras, um modo humano de ser. Digamos que eu não tenha querido me submeter a esse teste. E o jogo, que, posso imaginar, poderia ser chamado de semelhante, mas não autêntico. Há uma séria possibilidade de um jogo de espelhos com o filho. Devemos reconhecer, no entanto, que este mesmo jogo, sem dúvida, de um modo diluído, cada um de nós pode jogar consigo mesmo. Ou então com alguém com quem convivemos intensamente.

Esperem, não quero negar que haja algo de intrínseco, muito bom e especial nesta de ter filhos. Nem quero negar que existe tal lacuna em minha vida, ou então a sucessão de abortos – quantos? nem me lembro – a que estive ligado, ou de que fui cúmplice.

Mesmo que esteja com tais sentimentos, há aqui também um modo de perceber as coisas do mundo que não sei de onde provêm. Talvez seja uma herança bem primitiva, de algum grupo de primatas, com os quais mantenho um inexplicável contato. Acho que tais primatas andaram me enviando mensagens desde a minha infância, avisando que nos pertencíamos de algum modo e que, talvez, um dia viessem me buscar. Não imaginam vocês o quanto fiquei surpreso quando li pela primeira vez a história de Tarzan e verifiquei que tínhamos algo em comum. Embora a minha história fosse bem diferente, porque eu me sentia mais próximo desses primatas – a quem, diga-se de passagem, nunca vi – do que dos meus próprios pais. Hoje mesmo, quanto mais estou próximo da velhice, quando me olho no espelho, vejo claramente que tenho algo em comum com os macacos. Não o rosto ou a forma da cabeça, porque realmente parecem humanos – e o digo sem orgulho – mas algo no olhar. Encaro o mundo, às vezes, com o jeito dos símios. Uma curiosidade meio brincalhona e ininteligivelmente irreverente, e um modo algo saltitante.

Posso então confessar que sempre temi ter filhos porque poderiam ter a forma de macacos e que tudo então fosse difícil, não apenas de explicar, mas de lidar.

Vivo, ao longo dessas linhas, desejando passar ao leitor a idéia de que muitas de minhas experiências são difíceis de serem entendidas porque ninguém, a não ser eu, teve-as. Mas isto é uma brutal desconsideração, porque os meus envolvimentos com os símios – o meu complexo simiesco, digamos claramente – pode tomar outras e outras formas na variada diversidade da raça humana.

De qualquer modo, mostrei uma das razões por que não tive filhos. Talvez acabaria tendo, se tivesse encontrado uma mulher que sentisse o mesmo que eu pelos macacos. E como isto gerou equívocos! Duas vezes me aproximei de mulheres com um ar decididamente simiesco, pensando que nelas encontraria a parceira ideal. Foram tentativas frustradas.

Ninguém deve pensar que essas duas mulheres eram figuras monstruosas. Ambas eram belas e mesmo muito atraentes. E o seu modo simiesco não se mostrava nas maneiras, que eram muito cultivadas, nem em seu modo de ser, bastante elegante.

Possuíam, entretanto, um quê de símio no seu olhar e, exatamente o que delas me afastou é que não tinham qualquer consciência disto e se recusaram a conversar a respeito.

A primeira foi Valda, que conheci na barraca da França, na Feira da Providência. Eu tinha ido a pedido de minha mãe, que não gostava de faltar, e naquele ano o meu pai não estava no Brasil. Estávamos eu e minha mãe comprando um vinho na barraca, quando Valda se aproximou. Era uma mulher morena muito alta. Certamente, eu não me sentiria à vontade de dirigir-lhe a palavra. Mas foi ela que se aproximou de nós, perguntando à minha mãe sobre o vinho. A conversa logo se estendeu, tendo Valda contado acerca de seus estudos na França e de como adorava as coisas de lá.

Não mais nos separamos ao longo daquela tarde, e logo me vi conversando com Valda, muito à vontade. Ela tentava de vários meios saber o que eu fazia, e, para não decepcioná-la, procurei esconder tudo. Soube que ela era gerente de uma butique no Shopping da Gávea e que adorava o comércio e que também se dedicava profundamente a estudos esotéricos.

Sáímos dois dias depois. Não era uma noite em que eu me encontrava muito bem. Tinha passado o dia envolto em nuvens bem escuras, pensando na morte e em como a

minha vida tinha se encaminhado de modo completamente equivocado. É verdade que esses pensamentos são muito constantes, mas sou sempre a sua vítima.

Quando peguei Valda, senti que ela tinha se arrumado como se fosse encontrar a pessoa que mais amava no mundo. Isto era assustador, porque eu ficava quase tonto de olhar o seu rosto e tremia quando lhe dirigia a palavra. Quase bati com o carro.

No restaurante eu me tornei loquaz e comecei a falar de minha família e de seus ancestrais. Falei de Davi e de Salomão, sem mencionar os seus nomes, para não assustá-la. Contei sobre o meu projeto de solidariedade humana, que ela considerou maravilhoso, pondo-se inteiramente à minha disposição para dele participar.

(A história das duas macacas e da branquinha, com sua relação também simiesca).

A NULIDADE

A nulidade se mostra quase sempre como uma fome exagerada e profunda, em que me sinto apenas como um enorme orifício, uma caverna infinita em que tudo falta e mesmo o que falta se encontra inteiramente ausente: não pode ser pensado ou imaginado. Enganam-se aqueles que pensam que nesta condição podemos pensar no Criador, como o que nos falta. O mais profundo, a revelação completa e que não pode ser ignorada, é que a falta completa atinge a própria idéia do que falta, e que, portanto, não tenho ao acordar qualquer idéia do que procuro.

Uma tarde, era no mês de maio e eu andava perdido na avenida Nossa Senhora de Copacabana, quando percebi candidamente que a minha busca era mais simples do que eu imaginara. Simplesmente andava movido pela fome de amor e de sexo e também por um desejo intenso de comida. Não era uma das fomes como expressão das demais. Eram as três, em conjunto, a indicar uma incompletude em que eu não gostaria de acreditar.

Seria bom que esta descoberta me acalmasse e que eu fosse capaz de tratar objetiva e praticamente de tais fomes. Um grande engano. Porque tais fomes transformaram-se diante de meus olhos e em pouco tempo e não sabia exatamente o que buscava.

Porque algo me colocava no mesmo plano dos mais pobres turistas, que eram movidos pela mesma carência. Eu detestava o que não podia transformar segundo uma

linguagem de grandeza. Sentia-me mais mesquinho do que os outros, mais imperfeito, mais incompleto.

Pus-me então a vagar pensando em suprir minhas três carências. Sabia que em qualquer restaurante eu poderia saciar-me ou mesmo comer em alguma padaria, e então prosseguir em minhas andanças com o estômago cheio. Mas eu requeria alguma iguaria que eu nem sabia se poderia ser encontrada. Pensei, brincando, que uma pessoa poderia ser meu alimento completo, atender às minhas três fomes. Entendi nesse momento haver ali algum tipo de canibalismo e resolvi que aquela esquina – da Figueiredo com Copacabana – seria o marco desse entendimento completo e dessa impossibilidade.

Também naquela esquina vi um grupo de meninos de rua e pensei, puramente, que a minha fome tinha muito em comum com a deles. Só que eu era capaz de formulá-la, adiar a sua saciação e mesmo entendê-la à luz dos misticismos mais sofisticados. E também poderia, se quisesse, saciá-la, ao menos provisoriamente. A única via que, entretanto, estava sempre fechada para mim era a que costumeiramente se chama de gente. Preciso explicar?

GENTE

Explicar do que se trata quando se fala em gente pode parecer bastante esquisito. Afinal, não é um representante do mundo da gente que está a escrever? Trata-se de uma pergunta lógica, mas que para mim não faz muito sentido. As aventuras de que trata esta história não são aventuras de gente, mas de um estranho ser que até hoje busco definir sem sucesso. Eu não sou gente, e isto não quer dizer que seja vampiro ou uma entidade de outro planeta ou de região desconhecida.

Não se sentir gente quer dizer, entre outras coisas, não viver uma vida comum. Mas quer dizer realmente não conseguir entrar no mundo comum das gentes, que se amam, formam relações, vivem em grupo, falam dos outros (falar de gente) etc etc. Ora, basta notar por estas linhas que estou sempre me aproximando deste mundo, mas nunca conseguindo entrar.

Sei que esta comparação, talvez, não tenha mais sentido. Afinal, quem se lembra dos detalhes da Bíblia? Mas é como Moisés, que viu ao longe a terra prometida, mas

nunca conseguiu chegar até lá. Afinal, ele ficou andando em círculos por quarenta anos. Como é parecida a minha vida. Também ando em círculos desde que tudo começou. Há uma barreira que impede a minha penetração. Talvez um círculo invisível, que é mais poderoso do que qualquer coisa visível.

Custei muito tempo até descobrir que andava em círculos. Não é tão óbvio quanto parece. Cada objeto de meu amor – uma profissão, uma mulher, um objeto – nunca pôde ser atingido diretamente. Pensava eu, antigamente, que a minha maneira de ser é sempre indireta. Depois, descobri que isto também é uma ilusão. Não chego de maneira nenhuma.

Pode parecer até um jogo engraçado quando se está nos começos da vida e a esperança ainda nos promete meio enganosamente. Mas quando a vida já avançou bastante – e alguns amigos já estão partindo, dando o sinal de que as coisas estão tomando o seu rumo final... Neste ponto, é difícil suportar esta chegada que não chega nunca.

Pode parecer mentiroso que ao mesmo tempo falemos de um isolamento total ou quase total e em seguida mencionemos alguns amigos que estão deixando este mundo. Afinal, existem os tais amigos? É uma resposta difícil de ser entendida, a não ser por aqueles que façam um esforço, talvez um esforço insuportável. Tudo neste mundo é experimentado por gente como eu, de um modo incompleto, e que facilmente se apaga, que tem uma duração intermitente. Assim, tenho, sem dúvida, amigos, mas subitamente eles deixam de existir, esqueço de sua existência, esqueço que posso contar com eles, até que um dia, inexplicavelmente, eles voltam à minha consciência. É isso mesmo: este mundo de gente, que para tantos é tão óbvio, tão comum, para mim é distante como um outro sistema solar. Ou melhor, parece muito próximo, embora não consiga eu um jeito de nele penetrar. Assim, a vida fica ao mesmo tempo *sui generis* e banal. Na verdade, é uma vida irrisória, algo que nunca se realiza, que nunca começa. Não é necessário ser muito sábio para perceber que tudo isto que escrevo é apenas preâmbulo. Não âmbulo, preâmbulo.

Agora, querido leitor, você pode entender realmente a minha fome. Não é uma verdadeira fome, mas é a fome de ter fome, de chegar a ter fome. Os pratos que devoro são pratos imaginários, como tudo o que tenho diante de mim é quase inteiramente

imaginário. Realmente, tudo o que possuí até agora – a vida como um todo – é feita com grandes pedaços imaginários. Fico assim por perto, mas nunca penetro em círculo algum. É uma condenação? Por que não consigo chegar perto? Vou ter de responder a essas duas perguntas.

A condenação existe, embora não possa dizer realmente qual é a culpa e qual a duração da pena. Estou condenado a uma espécie de limbo e a rodear sem nunca penetrar em coisa alguma. É como não ter realmente nascido, nem estar mais no interior do útero. Trata-se de um ponto intermediário, onde estou estacionado. Como um ponto intermediário entre a terra e a lua em que o foguete fica imobilizado, sob a ação simultânea de ambas as gravidades. Estou preso entre a gravidade que atraí para a vida e a gravidade que atrai para a vida inconsciente e vegetativa do útero.

A outra pergunta: por que não consigo chegar perto? – a resposta é que não existe o “perto”. Ou se está dentro ou se está fora. Entre um e outro existe o abismo que não é possível saltar ou atravessar. Posso então entender qual a diferença: a maioria das pessoas – e não vai aqui qualquer julgamento – não experimenta o abismo senão muito infreqüentemente, enquanto eu o vivo todos os dias, e mesmo a todos os momentos. Sou um companheiro do abismo, que me põe sempre sem ar, sem uma satisfação calma e confortável. O abismo me traz a tristeza cotidiana, a convivência com uma morte que também não é a morte, a atração pela destruição integral. E não há nada que aprender com este abismo.

DISTÚRBIOS

OS OUTROS SERES DESTE MUNDO À PARTE

Em que proporções existem entre nós outros que partilham dessa forma de sentir e de existir? Nunca terá sido feito um censo, e nem nos questionários censitários existem perguntas que mostrem que parte somos de toda a população. Sem dúvida, formamos outra minoria, que deveria exigir também direitos de cidadania. Mas eu sou a primeira voz a falar em nome destes que, por não terem sinais exteriores de identificação passam despercebidos, inclusive de si próprios. Talvez venhamos a ser a última minoria a ser reconhecida e respeitada.

Quantos somos nós? Poderemos algum dia exigir alguma retribuição pelas dores e humilhações? Poderemos algum dia contar a história segundo a nossa perspectiva, a nossa visão – como pretendem as mulheres, os negros, os homossexuais? Terá o nosso país algum dia um presidente ou um governador que não seja uma nulidade?

Estas páginas são escritas em primeiro lugar para os outros membros desta tribo, muitos dos quais jamais notaram com clareza terem as características que estamos descrevendo: como negros que nunca se sentiram negros, ou mulheres que não se sentiram diferentes. Em segundo lugar, para os demais; para aqueles mais sensíveis que nos entenderão, que marcharão ao nosso lado; finalmente, para aqueles que dirão: vocês são assim, tanto melhor, porque são menos alguns para tentar dividir conosco as conquistas e os despojos de nossas vítimas.

Parece que é um sonho vão pretender que um dia teremos nossas associações, nossas revistas, nossos congressos e nossos representantes nos corpos legislativos. Tudo isso faz parte de um mundo, e o que nos caracteriza é não poder, não conseguir ingressar no mundo e a ele pertencer. Nossas manifestações serão silenciosas e invisíveis. Nossas reuniões realizam-se nos cemitérios para onde foram aqueles que não mais suportaram esta vida pela metade.

Das minorias temos o que é o negativo, o nada, o desvalor. Mas delas não temos o que afirmar mais positivamente, a não ser uma humanidade que ainda não conseguimos atingir. Mais nos aproximamos dos chamados excepcionais, para os quais a única chance é o amor, pois a recuperação é remota, ou mesmo impossível. Mesmo eles têm sobre nós a vantagem de suas dificuldades serem visíveis e, portanto, podem mover os corações daqueles que têm olhos para olhar. Em nosso caso, a descoberta de nossa desdita depende de uma percepção que muitas vezes nem mesmo nós temos.

Afirmo que poderíamos usar algum distintivo para que mais facilmente nos reconheçamos e prestar algum tipo de autoajuda. Entretanto, a minha experiência diz ser isto desnecessário. Primeiro, porque parece que existe algum tipo de atração que nos coloca frequentemente lado a lado. E também, frequentemente, a descoberta em geral tardia de que fazemos parte do mesmo grupo produz um horror traumático que nos lança para longe um do outro, como se tivéssemos visto o próprio inferno. De fato,

jamais nos regozijamos quando encontramos um semelhante. Estamos, realmente, à procura do diverso, daquele que se encontra enraizado no mundo e que possa aí nos conduzir. Mas também a ele não podemos suportar, porque a desenvoltura com que se move no mundo ressalta nossa inoperância e nossa nulidade. Afinal, quem duvidaria de que estamos condenados realmente ao completo isolamento que aspira ardentemente à morte.

Também não devemos esperar encontrar nos suicidas em potencial a maioria de nossos irmãos. Precisaríamos estar mais decididos para fazer parte deste grupo. Muitas vezes é preciso amar demais este mundo, estar a ele profundamente amarrado para desejar dele retirar-se. Como podemos amar tão intensamente o mundo se a ele jamais nos ligamos? Assim, nunca entramos definitivamente no partido da vida ou da morte.

O que não quer dizer que não pensemos mais ou menos seguidamente em matar-nos. É, porém, um suicídio antes imaginado do que real. Talvez até sonhemos com a capacidade de nos matar, até invejemos intensamente aqueles que disso são capazes. Porque a inveja é nossa marca maior, talvez o estofado de que somos feitos. Mas não é uma inveja comum: que se dedica ao corpo e seus êxitos. Esta seria uma inveja muito banal para a nossa categoria. O que invejamos é a própria existência, a densidade de existir, o estar inteiramente vivo do outro. Invejamos aquele estar vivo no mundo, do que não somos capazes.

É isto mesmo: chegou-se a um dos pontos vitais. Para quem leu acerca do vampirismo, destas entidades que são mortas e vivas ao mesmo tempo e que vivem da vida – isto é, do sangue – de outros, tenho a impressão que revelei algo de nosso segredo.

Evidentemente, os vampiros não existem e isto é uma grande bobagem. Mas existem pessoas como nós, que são mortos-vivos e que precisam de algum tipo de acolhida – o sangue – para se sentirem existindo. Isto mesmo: em nossas veias não corre nenhum sangue.

Mortos-vivos, ou melhor, nem mortos, nem vivos, mas entes que não podem ser acolhidos em qualquer um dos mundos. E isto se deve a algum carma, a alguma condenação? Não sei responder com certeza e de maneira completa. Por que fomos

parar nesta condição? Não sei. O que me parece é que uma vez nesta condição, tornou-se para nós penoso e quase impossível fazer uma opção entre a vida extrauterina e a vida intrauterina, na qual ainda existimos imaginariamente e, portanto, entre a vida e o que nos parece a morte. Não tivemos a felicidade nem a dor de nascer. Estamos levando um vida em suspenso, conforme já foi indicado antes.

Para ser justo, devo dizer que algo do que nos constitui também faz parte de qualquer ser humano. Em nós, porém, é a totalidade, é nossa maneira de ser. Dessa forma, qualquer um poderá, se quiser e se dispuser a um esforço, encontrar dentro de si uma nulidade – melhor dizendo, o que faremos daqui por diante, uma NULIDADE, para dar realce a um ser que hoje vive exigindo, através das linhas deste manifesto, um lugar ao sol, o reconhecimento de cidadania. Daqui por diante, propomos que seja lido em qualquer cédula de identidade: nome, cor, sexo, data de nascimento e CONDIÇÃO: NULIDADE. É possível que outros grupos aproveitem esta oportunidade para também exigir algo semelhante: que seja colocado daltônico, esperantista etc. E, evidentemente, outros grupos lutarão ferrenhamente contra esta nova categorização social. Devo dizer que, por enquanto, acho-me alheio a essas bandeiras, porque o que buscamos é o reconhecimento. Para, depois, obter uma série de direitos, em termos de aposentadoria – que em nosso caso, deveria ser na metade do tempo, o que explicarei logo abaixo – de menor carga de trabalho, de direitos à moradia, de prisões especiais para aqueles que, dentre nós, cometerem algum crime.

Entretanto, estou certo de que essas regalias – melhor dizendo, essas obrigações do estado e da sociedade para conosco – não serão reivindicadas em grupo, porque, conforme já dissemos, não há a menor possibilidade de pessoas de nossa categoria se organizarem. A única forma de obter alguma coisa é através de algum legislador esclarecido que venha a ler estas linhas e resolva propor legislação competente. Também não teremos condição de fazer *lobby*, de modo que vai depender do que os congressistas decidirem fazer. No entanto, espero que o presente livro tenha uma boa penetração e o coração dos legisladores seja movido pela nossa infeliz condição.

Acerca da aposentadoria, a base de nosso pleito, de redução do tempo para a sua obtenção, é a seguinte: como não somos seres inteiramente nascidos, inteiramente integrados à vida, viver é para nós um esforço duplo: temos de enfrentar as dificuldades

de todo mundo e também lutar para que nosso espaço na vida aumente. Lutar também contra as forças uterinas e as forças do inconsciente que estão nos atraindo diariamente para o inorgânico. Isto significa – se pudéssemos contabilizar – o dobro de esforço de um ser humano comum. Dessa forma, não é senão uma consideração de justiça a reivindicação de metade do tempo para a aposentadoria. Dirão alguns que a partir desta premissa, iremos exigir, também, meia entrada nos cinemas, teatros e passagem nos meios de transporte, que desejaremos passar nos vestibulares com metade das médias estabelecidas e que nunca iremos cessar de reivindicar um *status* especial. Nisto, estão muito enganados. Nada exigiremos, apenas alguns de nós – em um momento como o que atualmente estou vivendo e que me permite expressar o que sempre calei – irão expor o que seria justo. Ficará por conta dos seres humanos restantes – que não padecem o que padecemos – atender ou não. Em nosso silêncio agradeceremos. Ou, então, no interior de nossa humilhada existência, sentiremos que de fato não temos direito a nada.

Apenas nós conhecemos literalmente a humildade de que falam os santos, nos textos religiosos. Porque para os que de fato conquistam a humildade, fazem-no a partir de um sentimento de valor que não possuímos. A humildade é nossa condição, de que em ??? [interrompido].

.....

Tão logo a minha mulher aceitou a idéia de fazer um teste de aids, eu, que tinha dado a idéia, fiquei temeroso. Não havia qualquer sinal de que ela tivesse me traído. O que não impedia que eu sempre desconfiasse. A traição era tão frequente e fácil para mim, assim como a mentira que sempre imaginei que a minha mulher, sempre tão inteligente, talvez estivesse me mentindo. E quando esta suspeita aumentava eu tinha de extirpá-la. E para isto nada melhor do que uma boa putinha.

Há no centro duas termas que eu conhecia bem. Fui lá levado pelo Edmundo, meu colega de trabalho e chefe de família devotado.

[Cessa aí].²

² Esse parágrafo é idêntico ao do livro *Medições*, embora num item intitulado *Distúrbios*, título de outra obra em prosa. Nota da Editora.